



PUC GOIÁS

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

**Projeto Experimental Videodocumentário
QUEM VAI CUIDAR DE MIM?**

**GOIÂNIA
2023**

GABRIELLA LORRANE DA SILVA SÁ
LUIS FERNANDO SILVA NASCIMENTO

Projeto Experimental Videodocumentário
QUEM VAI CUIDAR DE MIM?

Trabalho de conclusão de curso apresentado como pré-requisito para a disciplina TCC 2 do curso de graduação em Jornalismo, da Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), orientado pela prof^{ra}. Dra. Bernadete Coelho de Sousa.

GOIÂNIA

2023

SÁ, Gabriella Lorrane da Silva; NASCIMENTO, Luis Fernando Silva. **Projeto Experimental Videodocumentário Quem vai cuidar de mim?** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Escola de Direito, Negócios e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2023.

QUEM VAI CUIDAR DE MIM?

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em ____/____/____ para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Bernadete Coelho - Orientadora

Prof^ª. Mestra Gabriella Luccianni - Examinadora convidada

Carolina Goos - Examinadora convidada

GOIÂNIA

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, que sempre foi a minha base. Aos meus pais Ademar L. de Sá e Lucivalda B. da Silva Sá, agradeço por sempre terem feito todo o possível para me dar uma educação de qualidade e me ver formada em uma universidade. Se estou podendo realizar este sonho é graças ao empenho e dedicação deles.

Ao meu esposo, Adriel Araújo, por todo apoio, carinho e paciência, especialmente durante as fases mais estressantes da faculdade, quando sempre me incentivou e ajudou.

Aos meus avós Josefa B. da Silva Irmã e Roque Nascimento, é um privilégio estar realizando o sonho deles de ter uma neta formada em jornalismo. Agradeço especialmente ao meu tio Valdeir Nascimento (*in memoriam*), que, apesar de não estar mais aqui, sempre foi uma das pessoas que mais acreditou nos meus sonhos e me incentivou.

Aos colegas e amigos colecionados ao longo do curso de Jornalismo que me deram o apoio necessário para a realização deste trabalho. Estendo os agradecimentos ao Luis Fernando, pela parceria e amizade firmada neste um ano de TCC, à professora Bernadete Coelho, pelas orientações, e aos demais professores que me ajudaram a chegar até aqui por meio de seus ensinamentos e auxílios.

Agradeço a Deus pelos ensinamentos e discernimento que me possibilitaram concluir com êxito este projeto e a graduação em Jornalismo.

Gabriella Lorrane da S. Sá

Em primeiro lugar quero dedicar meus agradecimentos aos meus familiares que tanto me deram apoio e me incentivaram a entrar nesta jornada de estudos. Minha mãe, Janeth Silva de Souza, meu pai, Joelmar de Jesus Nascimento, e minha avó Romana de Souza e Silva tiveram grande importância na minha formação. Foi uma luta muito grande e se não fosse por eles eu não teria conseguido.

Fico também muito agradecido pelo apoio que tive de vários amigos, como o Guilherme Marins dos Santos, que me ajudou em momentos nos quais precisei muito de sua ajuda. Agradeço também a minha namorada, Catarina Coelho da Rocha Lima, por ter me ajudado e me guiado em várias situações; seus conselhos foram essenciais para o meu avanço.

Agradeço a parceria que tive com a minha amiga Gabriella Lorrane nesta reta final de trabalho, e a todas as pessoas que ajudaram com fontes para este trabalho, lugares para gravação e conhecimentos passados para o enriquecimento desta pesquisa. Dedico todo o trabalho aos

vovôs, vovós e idosos que sentem uma verdadeira saudade da sua casa, da sua família e dos seus aconchegos. Que a nossa sociedade possa evoluir de tal modo a entender que se cuidamos dos mais velhos estamos cuidando do nosso futuro e do nosso País.

Agradeço a Deus pelas inspirações e forças que ele me deu para a conclusão desta etapa, sem ele muitas portas não teriam sido abertas. Estou extremamente grato e feliz por cada um que contribuiu para a minha conclusão de curso e por me guiar nesses momentos finais.

Luis Fernando Silva Nascimento

RESUMO

Buscou-se, neste trabalho, refletir sobre quais motivos levam a família a abandonar uma pessoa idosa em abrigos e casas de apoio mantidas pelo governo e/ou ONGs e como o idoso lida com esse abandono. Outra problemática tratada é a execução de políticas públicas por parte de órgãos governamentais que deveriam estar cuidando dos direitos desses idosos. Afinal, se o idoso é abandonado pela família e os órgãos responsáveis deixam de fazer o seu papel, quem vai cuidar dessa pessoa idosa? Como metodologia foi realizada uma pesquisa bibliográfica, buscando artigos científicos que abordem o tema, em livros, revistas científicas e repositórios de universidades. Também foram usados os conceitos de Camarano (2021), especialista em envelhecimento populacional. Para a realização do trabalho prático foram realizadas entrevistas presenciais estruturadas a partir da elaboração de uma pauta com a diretora do abrigo de idosos Silvestre Linares (ONG) e psicóloga, Suely Linhares; e com uma cuidadora de idosos, Léia Ribeiro. Usando a mesma metodologia, foram entrevistados cinco idosos que vivem no lar de idosos Vila Vida, mantido pelo governo do estado de Goiás. Como resultados da pesquisa pode-se afirmar que diferentes situações levam o idoso a sofrer de abandono efetivo, mas esse tipo de situação está diretamente ligada ao afastamento da família, que se torna ainda mais evidente quando o idoso sofre de algum problema de saúde. O desamparo na velhice é uma realidade que precisa de visibilidade para gerar a elaboração de ações concretas que possam acolher o idoso de forma eficiente.

Palavras-chave: envelhecimento; abandono; abrigo de idosos; políticas públicas.

ABSTRACT

This work seeks to reflect on what reasons lead the family to abandon an elderly person in shelters and support homes maintained by the government and NGOs and how the elderly person deals with this abandonment. Another problem to be addressed is the execution of public policies by government bodies that should be taking care of the rights of these elderly people. After all, if the elderly person is abandoned by their family and the responsible bodies fail to do their job, who will take care of this elderly person? As a methodology, a bibliographical research was carried out, searching for scientific articles in books, scientific magazines and university repositories that addressed the topic. Concepts from Camarano (2021), a specialist in population aging, were used. To carry out the practical work, structured face-to-face interviews were also carried out based on the preparation of an agenda with the director of the elderly shelter Silvestre Linares (NGO) and psychologist, Suely Linhares; and with a caregiver for the elderly, Léia Ribeiro. Using the same methodology, 5 elderly people living in the Vila Vida nursing home maintained by the government of the state of Goiás were interviewed. As results of the research, it can be stated that different situations lead the elderly to suffer from effective abandonment, but this type of situation is directly linked to separation from the family, which becomes even more evident when the elderly person suffers from a health problem. Helplessness in old age is a reality that needs visibility so that concrete actions can be developed that can accommodate the elderly efficiently.

Keywords: aging; abandonment; elderly shelter; public policy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Expectativa de vida por estado	11
Figura 2 - Capacidade funcional dos idosos e reflexo no cuidador.....	18

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 UMA POPULAÇÃO QUE ENVELHECE	11
2.2 ABANDONO E REFLEXOS PSICOLÓGICOS	12
2.3 IDOSOS COM PATOLOGIAS	14
2.4 IDOSOS COMO PROVIDORES	16
2.5 A SOBRECARGA DO CUIDADOR	17
2.6 POLÍTICAS PÚBLICAS	19
3 METODOLOGIA.....	21
3.1 DOCUMENTÁRIO.....	22
3.2 DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO	23
3.3 TIPOS DE DOCUMENTÁRIOS	25
4 ROTEIRO	27
5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	30
6 DIÁRIO DE BORDO	31
7 MEMORIAL	33
7.1 GABRIELLA LORRANE DA SILVA SÁ.....	33
7.2 LUIS FERNANDO SILVA NASCIMENTO.....	34
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE A - ROTEIRO FINAL.....	40
APÊNDICE B – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO PARA O REPOSITÓRIO	51

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos o desafio do abandono afetivo de idosos tem persistido, refletindo uma concepção histórica na qual a terceira idade era, por vezes, vista como um fardo para suas famílias e comunidades. Com o surgimento de instituições como asilos e casas de repouso, a responsabilidade pelo cuidado dos idosos passou a ser transferida para essas organizações, porém, muitas vezes, sob condições precárias.

Compreende-se por abandono afetivo o afastamento, a falta de convívio ou a negligência que podem ser praticadas pelos genitores em relação aos filhos, impedindo-os de desfrutar da convivência, cuidado e troca afetiva (Costa, 2008). Podendo ser considerado como abandono afetivo inverso quando a situação é contrária, onde os filhos abandonam os pais, quando idosos.

Atualmente o abandono afetivo de idosos continua sendo uma triste realidade em várias partes do mundo, seja por negligência ou pela falta de recursos e apoio aos cuidadores. Neste trabalho de conclusão de curso propomos uma pesquisa bibliográfica e documental, juntamente com o videodocumentário para aprofundar a compreensão dessa complexa problemática ao longo do tempo.

O tema central, ‘Quem vai cuidar de mim?’, remete a uma reflexão sobre a crescente problemática do abandono afetivo de idosos. A escolha deste tema surge em resposta à falta de cuidados adequados proveniente tanto de suas famílias quanto da sociedade em geral, destacando-se como um dos problemas mais graves enfrentados por essa parcela da população.

Os objetivos deste estudo se desdobram na produção de um videodocumentário, buscando promover a reflexão e fornecer uma visão abrangente sobre a situação dos idosos em situação de abandono afetivo no Brasil. Por meio de entrevistas, o trabalho apresenta um recorte da realidade dos idosos em dois abrigos em Goiânia, traz a reflexão sobre as políticas públicas destinadas a eles e permite identificar algumas consequências psicológicas permanentes decorrentes do abandono afetivo.

A justificativa para a abordagem desse tema no âmbito jornalístico reside na necessidade de trazer à tona questões que afetam a sociedade, especialmente diante do envelhecimento populacional. O abandono de idosos não é apenas uma questão individual, mas uma problemática social que exige que se faça uma análise crítica das causas subjacentes. Ao questionar as motivações por trás do abandono, seja por dificuldades práticas, limitações financeiras ou falta de comprometimento emocional, este trabalho busca contribuir para a conscientização sobre a importância vital de cuidar e proteger os idosos em nossa sociedade.

Para realizar o videodocumentário foram entrevistados moradores do abrigo Vila Vida mantido pelo governo de Goiás, a diretora do abrigo Silvestre Linares, uma ONG que funciona com a ajuda de doações e convênios e uma cuidadora de idosos. Destacamos que os dois abrigos possuem métodos de administração e clientela diferentes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

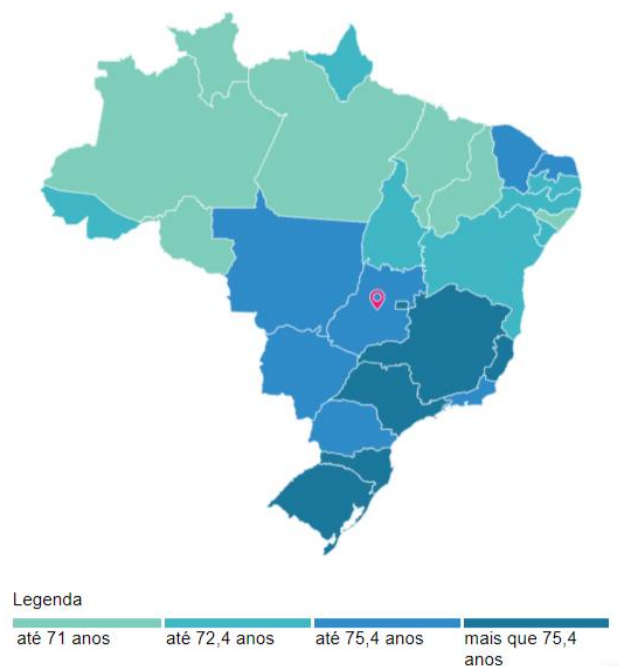
2.1 UMA POPULAÇÃO QUE ENVELHECE

O Brasil está passando por um processo intenso de envelhecimento populacional. De acordo com os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Paradella, 2018), em 2005 tínhamos pouco mais de 18 milhões de idosos, número que, dez anos depois, cresceu para mais de 20 milhões, representando um aumento de cerca de 13,17%. Esse cenário evidencia a necessidade de discutir e enfrentar o problema do abandono de idosos.

O envelhecimento da população brasileira é resultado de avanços na medicina e melhorias nas condições de vida. Um estudo publicado pelo IBGE (Brasil, 2008), denominado ‘Projeção da população do Brasil por sexo e idade’ mostra que em 1940 a expectativa de vida do brasileiro não chegava a 50 anos. Atualmente ultrapassa os 68 anos, sendo que a média de vida de 70 anos foi alcançada por volta do ano 2000. De acordo com a mesma pesquisa, a expectativa de vida continuará a aumentar no País, chegando a 81 anos em 2050.

A Figura 1, elaborada pelo IBGE (Brasil, 2008), mostra a expectativa de vida por estado da federação, que se encontra entre 71 anos e 75 anos, corroborando o apontado no estudo citado.

Figura 1 - Expectativa de vida por estado



Fonte: Brasil (2008).

No entanto, o aumento da expectativa de vida da população brasileira também acarreta desafios para a sociedade, dentre os quais se destaca o abandono de idosos. O abandono é uma forma de violência contra os idosos e se configura quando familiares ou cuidadores deixam de prestar assistência física, emocional e financeira a essas pessoas.

Estamos enfrentando um envelhecimento muito rápido da população brasileira e isto está interferindo diretamente em diversos fatores sociais e até de políticas públicas. Em 2010 havia 20,5 milhões de idosos no país, sendo 39 para cada grupo de 100 jovens; a expectativa é de que em 2040 esse número irá mais que dobrar, representará 23,8% da população, com uma proporção de 153 idosos para cada 100 jovens (IBGE 2010).

O envelhecimento da população e a diminuição na quantidade nascimentos despertam a necessidade de pensarmos nas responsabilidades que vamos ter em sociedade com os idosos e os cuidados com as políticas públicas que devem ser adotadas, assim como veremos no item 2. a seguir.

2.2 ABANDONO E REFLEXOS PSICOLÓGICOS

O envelhecimento somado ao abandono pode acarretar mudanças emocionais e sociais, afetando o modo como as pessoas se sentem e como enxergam a vida, incluindo problemas com autoestima, aumento da ansiedade e até mesmo chegar a uma depressão. Esses problemas nos idosos estão relacionados à dependência de serem valorizados e se sentirem importantes na sociedade, seja fazendo atividades rotineiras ou tendo uma relação com amigos e familiares (Camarano *et al.*, 2010).

Ainda há um preconceito muito grande quando se fala de envelhecimento. Debert (1999) fala sobre a visão negativa que se tem do envelhecimento ao analisar uma pesquisa realizada em revistas e anúncios de publicidade brasileiros da década de 1990. Ele observa que foi uma tentativa de se disseminar uma visão de idoso saudável, ativo, dono de seu tempo, independente dos filhos, não deixando espaço para a tradicional imagem da velhice: doença, decadência, dependência. Um exemplo nítido desse preconceito é quando o cineasta Woody Allen, 74 anos, no lançamento de um filme em Cannes, faz a declaração a seguir:

Não há vantagem nenhuma em envelhecer. Você não fica mais esperto, mais sábio, mais doce ou mais educado. Você começa a sofrer com dor nas costas, indigestão, a visão fica pior, e vai precisar de ajuda para ouvir. É uma coisa muito ruim ficar velho. Recomendo que vocês não o façam. Declara Woody Allen (Assis, 2010).

O artigo ‘Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem’ (2010), de Silvana Santos, explica que esse pessimismo se dá devido ao processo de envelhecimento que é revelado pelo aparecimento de rugas e cabelos brancos, além de modificações psicológicas e sociais, quando resulta na diminuição da produtividade e, principalmente, no poder físico e econômico, sendo a alteração social mais evidente em países de economia capitalista.

Sobre o processo de envelhecer, Santos (2010) percebe que, ao rejeitar a morte como rejeita, recusando-a com todas as suas forças, o ser humano tende a rejeitar também a velhice, talvez por esta fase da vida ser a que mais se aproxima da morte e, assim, torna a velhice um peso para sua vida. Comenta ainda que o pessimismo que existe ao envelhecer tende a ocasionar, em idosos, problemas psicológicos como a depressão.

Para a elaboração deste trabalho, durante a pesquisa de campo, foi feita uma visita ao abrigo de idosos Silvestre Linares, uma ONG que funciona no setor Buriti Sereno, em Goiânia. Em uma conversa informal com os integrantes do grupo de trabalho, Suely Linhares, psicóloga e diretora da instituição, afirma que existe uma resistência muito grande quando se trata de idosos com problemas mentais, são poucos os abrigos que acolhem e o Silvestre Linares recebe principalmente idosos com transtornos mentais.

Dentre as várias histórias dos idosos ali tratados, a psicóloga relata a de uma das moradoras da casa que está lá por sofrer de Alzheimer. A idosa, após uma crise, passou a se ver como uma adolescente e começou a ver seu marido, também idoso, como um pedófilo. A doença foi se agravando ao ponto de ela ficar agressiva com o marido. E por preocupação com o pai, os filhos tiveram que deixá-la no lar de idosos, onde está sendo tratada. A casa, além de psicólogos, conta uma equipe de enfermeiros, cuidadores 24 horas, fisioterapeutas e psiquiatra.

Para execução do trabalho também foi feita uma visita ao abrigo Vila Vida, mantido pelo Estado, onde se pode constatar uma realidade diferente. O abrigo é composto por pequenas casas, como um condomínio, e o idoso precisa ter uma certa autonomia para cuidar de si e da casa. Nesse abrigo não foram encontrados idosos com doenças como Alzheimer ou outras patologias psiquiátricas.

Em casos de idosos com Alzheimer, como na situação citada por Suely Linhares, os sintomas psicológicos podem ser difíceis de serem gerenciados pela família, exigindo um cuidado profissional. Por isso, é fundamental que as políticas públicas de cuidado com os idosos estejam focadas não apenas em garantir o atendimento médico e a assistência básica, mas também no acompanhamento psicológico, para o bem-estar emocional dos idosos.

Apesar de haver lares para idosos como os dois visitados, dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) mostram que o número de denúncias de abandono de idosos cresceu 855% em 2023. Entre janeiro e maio foram quase 20.000 registros de abandono afetivo. No ano anterior, segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), entre 2 de janeiro a 2 de junho, foram registradas mais de 35 mil denúncias de violações de direitos humanos contra pessoas idosas, sendo 87% das denúncias de violações ocorridas na casa onde o idoso reside (MDHC 2023).

Em 2020 Brasil passou por um extenso período pandêmico com o vírus SARS-COV-2. Um estudo feito nos Estados Unidos constatou a prevalência de comorbidades nos pacientes com infecções por coronavírus, com destaque para hipertensão, diabetes, doenças respiratórias e cardiovasculares. Nesse contexto, verificou-se que pessoas idosas têm maior probabilidade de o vírus evoluir para um estado grave.

Camarano (2021) narra, em seu artigo ‘Vidas idosas importam, mesmo na pandemia’, sobre como o envelhecimento populacional é visto como um problema social. E como foi nítida a negligência médica para com os idosos durante a pandemia, afinal se um idoso faleceu era porque já tinha uma doença preexistente.

A pandemia está afetando a vida das famílias pela morte, pela perda de trabalho, pela diminuição da renda e está destacando o papel dos idosos e das políticas públicas, em especial, da seguridade social: previdência, assistência e saúde. Outras pandemias virão. Espera-se que, ao terminar a atual, que se considere que vidas idosas também importam (Camarano, 2021, p. 25).

Camarano (2021) nos instiga a repensar o modo como a sociedade encara e cuida dos idosos, associado aos desafios do envelhecimento. Esta é uma reflexão sobre a pandemia atual, mas também uma provocação sobre a importância das vidas idosas em meio a qualquer crise e reconhecendo os idosos como parte integrante e valiosa da comunidade.

2.3 IDOSOS COM PATOLOGIAS

Amado e Menezes (2016), no artigo ‘Abandono afetivo inverso do genitor com Alzheimer e a sobrecarga do cuidador’, ressaltam que os pais envelhecem quando estamos em uma fase produtiva de nossas vidas e acabam precisando de cuidados, atenção e paciência dos filhos. Portanto, é neste contexto que os papéis se invertem. Acompanhar uma doença degenerativa no seu processo de deterioração não é fácil. Ao longo do tempo, com a desestabilização das funções cognitivas e alterações do comportamento, os familiares

presenciam o lento desmanchar da personalidade da pessoa que aprenderam a amar e respeitar durante toda a vida (Amado; Menezes, 2016).

Em muitos casos, o idoso, mesmo saudável, já é visto como uma carga para os filhos. Quando se trata de um idoso com alguma patologia a situação se agrava ainda mais, pois necessita de cuidados maiores, remédios diários e nem sempre os filhos estão dispostos a reservar um tempo do dia que seja para cuidar desse idoso ou levá-lo ao médico.

Segundo um estudo feito pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e pela Universidade de Queensland, na Austrália, em 2021, cerca de 1 milhão de brasileiros sofriam de demência, sendo que a maioria tinha a doença de Alzheimer. Há 30 anos eram 500 mil. Daqui a 30 anos serão 4 milhões, conforme a pesquisa (Amado; Menezes, 2016).

A quantidade de pessoas com doença Alzheimer está crescendo. No entanto, atualmente os profissionais da psicologia e áreas afins têm focado sua preocupação nos jovens e adolescentes. O ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta afirmou, no Simpósio Nacional de Prevenção do Suicídio e Automutilação, em 2020, que “Há um mundo virtual e um real. Hoje estamos lidando com um bullying global e isso gera uma pressão no nosso jovem brasileiro. A criança brasileira é uma das que mais passa tempo em frente às telas e isso é fator de estresse mental” (Oliveira, [2020]). Com essa fala ele suplica aos psicólogos um cuidado dobrado com as crianças e adolescentes.

Existem psicólogos especialistas em atendimento infantil e outros em adultos. Mas quando se trata de um idoso a situação é diferente. Onde encontrar especialistas para idosos? É preciso falar mais sobre o cuidado com o idoso. Apesar de o idoso ter passado pela vida adulta, quando chega uma certa idade ele se vê vulnerável e dependente dos filhos ou familiares para se preocupar com sua saúde.

De acordo com Sayeg (2009), o Alzheimer é uma enfermidade cerebral crônica degenerativa e de evolução lenta, com duração de até 20 anos. Ela é marcada por perdas graduais da função cognitiva e distúrbios do comportamento e do afeto, comprometendo a integridade física, mental e social do idoso, o que exige cuidados cada vez mais complexos.

Neste contexto, aceitar e entender a existência do Alzheimer é um desafio não só para o enfermo, mas também para toda a família. Nas fases avançadas da doença o paciente se torna completamente dependente dos filhos, incapaz de se alimentar, banhar-se ou vestir-se sozinho. Assim como uma criança precisa de cuidados, o idoso também se torna dependente, e os filhos não podem simplesmente negligenciar a situação.

Outro mal muito comum em idosos é a Parkinson, uma doença neurodegenerativa do sistema nervoso central que se manifesta através de sintomas motores caracterizados por tremor

de repouso, instabilidade postural, rigidez de articulações, movimentos lentos, sintomas não motores, como diminuição do olfato, distúrbios do sono e depressão.

No artigo ‘Impactos da doença de Parkinson na vida dos idosos’, publicado na revista *Desafios*, Valença *et al.* (2019) relatam que um dos agravantes, tanto na dificuldade motora como emocional de idosos com Parkinson, refere-se ao impacto da doença na família. O que está relacionado à sobrecarga de trabalho, questões financeiras e emocionais dos cuidadores e que acabam refletindo diretamente sobre a saúde do idoso com Parkinson.

Embora não haja cura para essas doenças, o tratamento pode ajudar a retardar a progressão da doença e melhorar a qualidade de vida dos pacientes. O abandono inverso infelizmente é um problema real, onde muitos idosos com patologias degenerativas, como é o caso do Alzheimer e o Parkinson, são negligenciados pelos próprios filhos.

2.4 IDOSOS COMO PROVEDORES

O planeta terra há muito tempo caminha para um envelhecimento populacional rápido. Isso ocorre devido a dois fatores, principalmente, a diminuição do número de natalidade e o aumento da expectativa de vida. Essa diferença se dá devido aos avanços que a medicina obteve para tratamento, assim como também para a prevenção de várias doenças. De acordo com o Estatuto Nacional do Idoso (Brasil, 1994), é considerado velho ou idoso o indivíduo com idade igual ou maior que 60 anos.

De acordo com Goldman (2004), nas famílias pobres o idoso pode ser um empecilho, mas também pode ser visto como a única fonte de renda. Nos lares de famílias de baixa renda os idosos costumam manter as despesas com sua pensão ou com sua aposentadoria.

De acordo com a Constituição de 1988 (Brasil, 1988), o trabalhador que contribuiu para o desenvolvimento do seu país, quando chega uma certa idade tem o direito receber uma gratificação por tudo que ele fez e que possa aproveitar melhor o que não conseguiu fazer em uma vida corrida, como um lazer, moradia digna e saúde. Mas, infelizmente, a realidade é outra, pois ao chegar à idade de se aposentar as pessoas estão idosas e as despesas aumentam, o salário é baixo e serve praticamente apenas para os suprimentos básicos e os direitos que têm acabam não sendo tão bem respondidos.

No Brasil mulheres idosas costumam viver sozinhas e têm dificuldade para arrumar serviço devido à baixa escolaridade delas. Procuram mais os serviços de saúde do que os homens idosos, mas também carregam a maior parte de situações insustentáveis

financeiramente, pelo trabalho mal remunerado ou pela dependência da pensão que recebe do marido, de acordo com Pacheco (2004).

No passado o trabalho era dividido por gênero. Os homens eram associados a tarefas mais pesadas, como trabalho industrial e obras, enquanto as mulheres eram vistas como responsáveis por tarefas mais leves, como o trabalho doméstico. No entanto, nos tempos atuais, essas ideias estão mudando e ocorrem avanços na quebra desses estereótipos de gênero relacionados ao trabalho.

Segundo Pacheco (2004), as mulheres, após se aposentarem, quase sempre retornam aos primeiros trabalhos que foram impostos para elas: os trabalhos domésticos, que são os serviços socialmente mais esperados. Isso para elas é uma forma de manter a sua utilidade como pessoa e senso de responsabilidade por toda a sua vida. Já os homens idosos, devido à organização clássica da sociedade, não costumam fazer trabalhos domésticos, pois passaram a vida tendo trabalhos diferente das mulheres e acabam se voltando mais para a prática de esporte ou de jogos, como o de cartas. Para alguns homens idosos a alegria da vida não existe mais, pois aquela aptidão física e aquele senso de utilidade já não é como antes, ainda segundo Pacheco (2004).

Eles tendem a sofrer mais quando a idade chega, já não existe alegria e força de trabalho para alguns; muitos se tornam retraídos e mais reflexivos por não se sentirem úteis como antes. Por esse motivo, é comum encontrar mais mulheres idosas do que homens idosos em grupos e rodas de conversas. É de suma importância que filhos e cuidadores saibam que o idoso também necessita de ter amigos para trocar experiências e socializarem com brincadeiras, contos, risadas, dinâmicas e tudo mais.

2.5 A SOBRECARGA DO CUIDADOR

A sobrecarga do cuidador é uma questão significativa em todo o mundo, já que muitos idosos dependem de cuidados de familiares ou de profissionais de saúde. No entanto, a sobrecarga do cuidador pode levar a consequências graves, incluindo o abandono afetivo do idoso.

Em uma pesquisa publicada na Revista Brasileira de Enfermagem (2014), Lara Loureiro e outros pesquisadores explicam que essa sobrecarga pode levar a problemas físicos, psicológicos, emocionais, sociais e financeiros para os cuidadores, incluindo maior prevalência de doenças psiquiátricas, mais uso de drogas psicotrópicas, maior número de doenças

somáticas, isolamento social, estresse pessoal e familiar, alterações na dinâmica familiar e de sua vida social e sentimentos de obrigação onerosa e causadora de tensão.

O estudo feito por Loureiro *et al.* (2014) com idosos e cuidadores no município de João Pessoa, teve como objetivo avaliar a capacidade funcional desses idosos e como isso reflete no cuidador. A tabela na Figura 2 relaciona a incapacidade funcional dos idosos dependentes e a sobrecarga dos cuidadores familiares, considerando as categorias ordinais da Escala de Sobrecarga de Zarit¹.

Figura 2 - Capacidade funcional dos idosos e reflexo no cuidador

Tabela 1 – Associação entre incapacidade funcional para as ABVDs dos idosos dependentes e a sobrecarga dos cuidadores familiares, considerando as categorias ordinais da Escala de Sobrecarga de Zarit, João Pessoa-PB, 2011

Atividades básicas	Sobrecarga (n = 52)			Média da sobrecarga (DP)	p-valor
	Ausência de sobrecarga	Sobrecarga moderada a leve	Sobrecarga moderada a severa		
Banho					
Não recebe assistência;	1	8	3	31,17 (10,97)	0,855
Assistência para uma parte do corpo;	1	7	2	32,70 (13,46)	
Não toma banho sozinho.	6	17	7	30,37 (10,94)	
Vestuário					
Veste-se sem assistência;	4	4	2	28,10 (12,94)	0,089
Assistência para amarrar os sapatos;	1	3	0	21,00 (4,32)	
Assistência para vestir-se.	3	25	10	32,82 (10,78)	
Higiene pessoal					
Vai ao banheiro sem assistência;	3	7	3	27,69 (11,44)	0,178
Recebe assistência para ir ao banheiro;	2	17	6	34,00 (11,43)	
Não vai ao banheiro para eliminações fisiológicas.	3	8	3	28,71 (10,08)	
Transferência					
Deita, levanta e senta sem assistência;	3	8	6	33,71 (14,64)	0,454
Deita, levanta e senta com assistência;	2	12	3	30,47 (9,56)	
Não levanta da cama.	3	12	3	28,94 (8,98)	
Continência					
Controle esfinteriano completo;	3	7	3	29,23 (14,29)	0,578
Acidentes ocasionais;	2	18	5	32,72 (9,72)	
Supervisão, incontinente.	3	7	4	29,57 (11,12)	
Alimentação					
Sem assistência;	3	7	2	25,85 (9,98)	0,04
Assistência para cortar carne ou pão;	2	17	7	34,92 (11,90)	
Com assistência, ou sondas, ou flúidos EV	3	8	3	28,79 (10,27)	

Fonte: Loureiro *et al.* (2014, p. 229).

No estudo sobre a sobrecarga de cuidadores familiares de idosos os pesquisadores encontraram uma prevalência de 84,6% de sobrecarga. A média total de sobrecarga foi de 31,0 pontos, com 61,5% dos cuidadores apresentando sobrecarga moderada a leve. Foi observado que a sobrecarga estava relacionada com as condições clínicas e funcionais dos idosos, sendo maior para aqueles com mais comorbidades e déficit cognitivo, além de haver uma associação significativa entre maior sobrecarga e maior dependência do idoso para a atividade de alimentar-se.

¹ “Tem por objetivo avaliar a sobrecarga dos cuidadores de idosos. Esta escala não deve ser realizada na presença do idoso. A cada afirmativa o cuidador deve indicar a frequência que se sente em relação ao que foi perguntado (nunca, raramente, algumas vezes, frequentemente ou sempre). Não existem respostas certas ou erradas. O estresse dos cuidadores será indicado por altos escores”. Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Departamento de Medicina social. **Avaliação da sobrecarga dos cuidadores**: Escala de Zarit. Disponível em: <https://dms.ufpel.edu.br/static/bib/apoio/zarit.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Entende-se que um dos motivos que resultam no abandono de idosos é a sobrecarga do cuidador. O estudo explica que quanto maior o número de comorbidades, maior é a dependência do idoso. Amado e Menezes (2016) explicam que a ausência dos demais membros da família no auxílio para o desempenho do cuidar do idoso também é fator desencadeante de possíveis conflitos. Dessas divergências surgem ressentimentos entre os descendentes e as relações de família podem facilmente sofrer desgastes.

Quando há uma sobrecarga das tarefas ou o dever de cuidar não é dividido entre os membros da família, existe uma tendência ao não reconhecimento por parte dos demais familiares dos esforços prestados pelo cuidador principal, já que estes não estão cientes das pequenas dificuldades enfrentadas no dia a dia causadas pela doença. Portanto, o dever de cuidador precisa ser analisado se está sendo exercido não somente por um filho, mas por cada um deles.

2.6 POLÍTICAS PÚBLICAS

No dia 8 de janeiro de 1994 foi sancionada a Lei n. 8.842, referente à Política Nacional do Idoso, que deu origem ao Estatuto Nacional do Idoso e ao Conselho Nacional do Idoso. O objetivo da lei é assegurar os direitos sociais, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade, de acordo com o documento (Brasil, 1994).

Antes desta lei não existia uma regra nacional onde se explicasse claramente os direitos da pessoa idosa. E havendo direitos, quais seriam eles? Como seriam coordenados? Esta lei ajudou a iniciar todo o processo de assegurar direitos fundamentais aos idosos no Brasil, procurando garantir e assegurar o direito à saúde, lazer, moradia e a uma vida digna. A partir da lei também se definiu a idade da pessoa idosa, sendo a partir dos 60 anos, e passou-se a se atentar verdadeiramente aos direitos dos idosos, como preferências em filas, vantagens em viagens, vagas preferenciais e outros.

A criação do documento facilitou as coordenações de políticas públicas, que começa em âmbito Federal e têm reflexos nos âmbitos estaduais e municipais buscando garantir os direitos de cidadania ao idoso a partir de 60 anos. Com esta lei, o Estado, junto com a sociedade, tem o dever de assegurar os direitos dos idosos, garantindo-lhes bem-estar, dignidade e o direito à vida. Após a criação deste documento foi criado e instalado o Conselho Nacional do Idoso onde são acompanhadas pesquisas em relação ao envelhecimento, à qualidade de vida, a demandas e outros assuntos relacionados (Brasil, 2010).

Há uma coordenação que começa em âmbito federal, é o Conselho Nacional do Idoso, vinculado à Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa, que busca, no âmbito do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, coordenar e propor ações de promoção, defesa, proteção e enfrentamento a violações de direitos da pessoa idosa. Este conselho deve monitorar, coordenar e propor ações de aperfeiçoamento para fortalecer as políticas públicas voltadas aos idosos, garantindo a defesa da vida. Para isso, articulam com órgãos governamentais e não governamentais várias ações para a implementação da Política Nacional do Idoso. Além disso, apoiam a gestão do Fundo Nacional do Idoso, ajudam a desenvolver, implementar, monitorar e avaliar programas e projetos destinados à promoção e à defesa dos direitos da pessoa idosa.

O Conselho Nacional do Idoso colabora para a adequação e o aperfeiçoamento da legislação relativa aos temas de sua competência, apoiam, articulam e avaliam políticas públicas de promoção dos direitos da pessoa idosa. O mesmo busca parceria e analisa propostas de convênios, termos de parceria, acordos, ajustes e instrumentos congêneres na área dos direitos da pessoa idosa, além de acompanhar, analisar e fiscalizar sua execução (Brasil, 2010).

Portanto, todas estas estruturas causam um fortalecimento que impacta na vida das pessoas com mais de 60 anos. Estudos e pesquisas também são bons exemplos oriundos do apoio do Conselho Nacional do Idoso. Nestas pesquisas são analisadas as atuais demandas dos idosos a partir de questionamentos tais como: como anda o envelhecimento? Qual o nível da qualidade de vida? Como está sendo o acesso à saúde, educação, lazer e outros?

Após a criação do Estatuto Nacional do Idoso e com apoio de todos os órgãos relacionados ao tema, fica muito mais fácil o debate sobre políticas públicas, que podem ser colocadas em projetos de leis, e, caso aprovadas, transformadas da teoria para a prática. Delegacias de idosos, lares de idosos com apoios estaduais e municipais, verbas destinadas à assistência de idosos, buscando sempre garantir o direito à vida, à dignidade e ao bem-estar do idoso, são exemplos que vieram de grandes debates de órgãos governamentais e não governamentais, sendo que cabe a cada representante do executivo municipal, estadual ou federal conferir as demandas desta parcela da sociedade.

3 METODOLOGIA

Para desenvolver este trabalho foram feitas pesquisas bibliográficas, que são um levantamento de referências teóricas que já foram analisadas por alguém e publicadas por meios escritos ou de forma eletrônica, como livros e artigos científicos, de acordo com Fonseca (2002). A busca à bibliografia existe para dar base à sustentação teórica sobre o assunto,

Após a pesquisa bibliográfica foi feito um trabalho de pesquisa em campo, que, segundo Fonseca (2002), consiste em ir a campo para conseguir fontes (pessoas) e obter dados e informações sobre o assunto desenvolvido. A pesquisa de campo teve por objeto dois lares de idosos para coletar as devidas informações para o enriquecimento dos dados. Nos locais foram feitas pesquisas *ex-post-facto*, que têm por objetivo investigar as possíveis relações sobre um determinado fato, o que acontece e quais são os reflexos após a ação provocada, segundo Fonseca (2002).

Para isso foram feitas entrevistas com diversas fontes. A entrevista é uma técnica de interação social em que uma das partes busca dados, informações e a outra pessoa se coloca como fonte do assunto estabelecido. Marconi e Lakatos (1999) definem a entrevista como conversa entre duas pessoas em que uma delas busca informações e dados de forma profissional. Existem seis tipos de entrevistas: entrevista estruturada, semiestruturada, não-estruturada, orientada, em grupo ou informal. Para este trabalho foi selecionada a entrevista semiestruturada, onde, apesar de possuir um roteiro pré-estabelecido, existe uma certa flexibilidade de acordo com as respostas dos entrevistados.

Foi realizada uma visita ao abrigo de idosos Silvestre Linares, um abrigo filantrópico que cuida de idosos com problemas mentais. E também ao lar de idosos Vila Vida, uma instituição do Estado. Depois de todo o material coletado, com todos os dados dos lugares que foram visitados e informações de cada pessoa, foi feita a seleção dos personagens para o nosso videodocumentário, sendo cinco idosos do abrigo Vila Vida, uma cuidadora de idosos que trabalha de forma particular e a diretora do abrigo Silvestre Linares, que também é psicóloga.

Entre os idosos a seleção foi feita entre os que têm o mínimo de raciocínio sobre sua situação e que conseguem falar com um bom entendimento sobre a sua história. Portanto, preferimos entrevistar os idosos do abrigo Vila Vida. No lado dos profissionais optamos por entrevistar os diretamente envolvidos no cuidado dos idosos, escolhendo aqueles que possuem um conhecimento mais próximo e individualizado sobre cada um. Assim, para enriquecer os argumentos relacionados ao tema, decidimos conversar com Suely Linhares, diretora do Abrigo

Silvestre Linares e psicóloga; e Léia Ribeiro, especializada em cuidados com idosos com transtorno mental.

3.1 DOCUMENTÁRIO

Para a consecução do projeto experimental foi escolhido o formato de videodocumentário. De acordo com Nichols (2005), o documentário difere de uma forma significativa do filme comum. Nos filmes o cineasta passa a visão dele, apresentando o objetivo da sua obra – que pode ser real ou de ficção (ficção científica, terror, aventura, melodrama e outros), e cabe ao público fazer sua interpretação de forma livre. O documentário, por outro lado, distancia bastante das obras de ficção e cria um vínculo maior com o público. Neste trabalho o objetivo foi fazer um recorte da velhice e do abandono afetivo mostrando o acolhimento em duas instituições distintas e a consequência da falta de políticas públicas.

Apesar do formato diferenciado, alguns documentários apresentam práticas e características que são associadas à ficção, como roteirização, encenação, ensaio, interpretação, reconstituição e outras. Assim como o documentário pode ter uma proximidade com a ficção, há filmes que também primam pelo contato mais próximo com a realidade, como o filme *Bruxa de Blair* (de Eduardo Sanchez e Daniel Myrick, 1999), que busca ter um contato mais próximo com o público, vendendo uma história de ficção, com imagens supostamente ‘reais’, quando na verdade era tudo planejado. A proposta do filme não era ser vendido apenas como um filme de terror ou um documentário, mas sim, de três cineasta que desapareceram tragicamente no meio da floresta em busca de documentar a *Bruxa de Blair*.

O documentário tem a tradição de passar autenticidade ao público de tudo que está sendo falado. De acordo com Nichols (2005), os cineastas são bastante atraídos pela forma com a qual o documentário mostra originalidade ou a maneira distinta de sua própria forma de ver o mundo. Quando se está diante de um filme documentário tem-se uma percepção individual, principalmente quando esses documentários trazem contexto históricos.

A autenticidade e a clareza se fazem bastante presente, pois o público não enxerga a visão do cineasta: “vemos o mundo que compartilhamos com uma clareza e uma transparência que minimizam a importância do estilo ou da percepção do cineasta” (Nichols, 2005, p. 19).

Os documentários de representação social são os que mais se distanciam do tipo ficção, pois dá voz a certas pessoas, mostrando ideias, pontos de vista, maneiras de ver a vida ou o problema que está sendo apresentado naquele momento. Conforme Nichols (2005, p. 26), “Os

documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos”.

Esse tipo de documentário coloca, para a gente, problemas, visão sociais e possíveis soluções para estas questões. Nichols (2005) afirma que nos documentários se pode ver histórias, argumentos, evocações ou descrições que nos permitem ver o mundo de uma nova forma, de uma nova maneira, às vezes iluminando tal situação.

3.2 DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO

Os filmes documentários no Brasil nasceram junto com os primórdios do cinema. O primeiro documentário filmado no Brasil foi no fim do século 19 e trata da chegada de imigrantes italianos ao Brasil. ‘A vista da Baía de Guanabara’ descreve a esperança de uma vida melhor.

De acordo com Rodrigues (2010), os primeiros documentários no Brasil registravam as atualidades no formato de produção de cinejornais e filmes institucionais, em registros de expedições, atos oficiais, acontecimentos históricos, cerimônias públicas e privadas da elite, funcionamentos de fazendas e fábricas, entre outros.

Afonso e Paschoal Segreto, Silvino dos Santos, Major Luís Tomás Reis foram os primeiros cineastas responsáveis pelas primeiras imagens de acervos históricos do cinema no nosso país, conforme Bernardet e Ramos (1990), que destacam o estudo da história do cinema brasileiro em suas primeiras décadas.

[...] deve partir não do longa-metragem de ficção, que é o sonho, a vontade, o “verdadeiro” cinema, mas exceção – e sim dos documentários de curta-metragem e dos jornais cinematográficos, pois é este tipo de cinema que durante décadas foi o sustentáculo da produção e comercialização de filmes brasileiros (Bernardet; Ramos, 1990, p. 191).

Segundo Rodrigues (2010), os primeiros filmes eram financiados por empresários, coronéis e fazendeiros e estavam sob a orientação da elite econômica e pessoas de grandes poderes públicos, ou seja, não era tão democratizado igual no mundo moderno. Na década de 1920 foi deflagrada a primeira crise de produção nacional, as salas de exibição de filmes não tinham uma procura tão grande por filmes e documentários brasileiros. Os filmes americanos dominavam com 80% de exibição em território nacional e a outra fatia era dominada pelos europeus.

Entre as décadas de 1920 e 1930 os modelos de documentários exibidos por Robert Flaherty e John Grierson estavam comprometidos com o ilusionismo. Pode-se colocar nesse exato período a primeira forma acabada de documentário, o estilo voz de Deus (Nichols, 1983), do discurso direto, narração que domina todos os elementos visuais, embora às vezes fosse poética e evocativa, mas geralmente arrogante.

Até o fim da segunda guerra mundial o principal estilo de documentário brasileiro foi o filme educativo, oficial, turístico ou então cinejornal, como diz a pesquisadora Hilda Machado (Catani, 1990). Durante as décadas de 1930 e 1940 a produção de filmes que não eram de ficção teve um caráter basicamente bancado pelo estado. Continuava, de acordo com Catani (1990, p. 194), quase que “exclusivamente ligada a uma elite mundana, de que os cineastas são dependentes”.

No final dos anos de 1950 só conseguiam acompanhar, em cinematecas cariocas e paulistas, pessoas bem economicamente, acompanhavam filmes do cinema americano, francês, italiano e soviético. Quem teve acesso a todas as artes sempre foram pessoas com poderes econômicos e culturalmente privilegiados. Alguns deles foram responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem do cinema documentário nacional.

De acordo com fatos históricos e citando Rodrigues (2010), o modelo de filmagem e de alcance foi mudado a partir da década de 1960 com a implantação do cinema novo, oriundo de novas tecnologias que já estavam no mercado para melhorias de sets de gravações, no modo de gravar o áudio, melhor mobilidade dos equipamentos na hora da filmagem. O contexto histórico ao qual o Brasil estava inserido também teve grande influência nessa mudança.

A partir da década de 1970 vários movimentos populares surgiram e gravações de filmes documentários também. Os filmes tinham um grande leque de temas: a revisão histórica da ditadura em *Jango* (1984), de Silvio Tendler; os desafios da transição política, em ‘Céu aberto’ (1985), de João Batista de Andrade; os novos problemas advindos do inchaço urbano, em ‘Uma avenida chamada Brasil’ (1988), de Octávio Bezerra; o movimento sindical operário, em ‘A greve’ (1979), de João Batista de Andrade, e em ‘Cabra marcado para morrer’ (1984), de Eduardo Coutinho, que retomou seu projeto iniciado em 1964 (Rodrigues, 2010).

A partir da década de 1990, até a atualidade, surgiram várias tecnologias que têm beneficiado a produção de um filme documentário, no sentido da estrutura, das formas de gravar e da democratização dos custos para as pessoas terem acesso; a tecnologia veio para ajudar. É a “era do hibridismo das imagens” (Teixeira, 2004, p. 10), em que vários estilos e formatos de vídeos se fundem e acabam se tornando mais acessíveis.

3.3 TIPOS DE DOCUMENTÁRIOS

Existem vários tipos de documentários no mundo cinematográfico e no mundo jornalístico. Bill Nichols fala, em seu livro ‘Introdução ao documentário’ (2005), que existem seis principais tipos de documentários: expositivo, poético, observativo, participativo, reflexivo e performático. Com base nesta obra descrevemos a seguir cada um desses tipos.

O documentário expositivo tem uma preocupação maior com a defesa de argumentos do que com a subjetividade e a estética. Documentários com essas características têm como diferencial a objetividade e narram um acontecimento de maneira que continue a argumentação. Para isso acontecer perfeitamente é necessário que aconteça uma junção entre o mostrado e o dito.

O documentário poético revela a subjetividade e possui uma maior preocupação com a estética. Existe uma valorização maior das impressões e dos planos do diretor do documentário a respeito do universo abordado. Podem ser usados poemas e trechos de obras literárias para escrever o texto utilizado no documentário.

No documentário observativo o diretor tem como objetivo principal captar a realidade assim como ela realmente aconteceu. Assim, evita qualquer interferência que possa caracterizar falseamento da realidade. São capturados somente os fatos, sem que o diretor e sua equipe sejam notados ou apareçam nas imagens. Dessa forma não há quase nenhuma movimentação de câmera, quase nenhuma trilha sonora e nenhuma narração, pois as cenas dos documentários têm que falar por si mesmas.

O documentário participativo nada mais é do que a participação da própria equipe de filmagem. Tornando-se, assim, sujeitos ativos no processo de gravação e filmagem; aparece a interação com a equipe, provocando o entrevistado para que esse se manifeste. No documentário reflexivo o telespectador fica ciente de quais foram os procedimentos de gravação, mostrando claramente a relação entre o grupo filmado, o diretor e sua equipe. Nesses tipos de documentários nota-se a reação dos grupos filmados frente às câmeras e frente a toda equipe de filmagem.

O documentário performático tem como característica principal a subjetividade e o padrão estético adotado. Dessa forma, esse estilo de documentário utiliza, de maneira livre, recursos cinematográficos. Filmes de vídeo-arte, cinema experimental e vanguarda são típicos desse gênero.

Para produção do documentário ‘Quem vai cuidar de mim’ foi usada a abordagem reflexiva no intuito de representar a realidade vivida pelos idosos e como a implantação de

políticas públicas pode mudar a situação, principalmente no caso de abrigos que acolhem idosos com doenças psiquiátricas.

4 ROTEIRO

Apresenta-se, nesta seção, o roteiro inicial proposto para o documentário.

Abertura - 00:00 até 01:14	Para abertura do documentário decidimos iniciar usando imagens de alguns dos personagens e o BG com uma música de reflexão. Em seguida temos alguns <i>takes</i> dos personagens falando frases de maior impacto. Para finalizar a abertura sobe o BG inicial com um <i>take</i> de um idoso caminhando pelo abrigo Vila Vida e entra o nome do documentário.
Parte 1 - Abandono - 01:15 até 03:08	Nessa primeira parte, como também uma introdução, trouxemos a história de cada um dos idosos, assim como os motivos pelos quais os idosos foram abandonados pela família e residem hoje em um abrigo.
Parte 2 - A velhice - 03:09 até 05:47	Para a segunda parte pegamos uma fala da Suely, psicóloga e diretora de um dos abrigos, explicando que a maior dificuldade quando se chega na velhice é porque você não estará preparado para chegar nela. A cuidadora de idosos Léia comenta também que a velhice e a idade são vistas como uma preocupação principalmente por idosos que possuem alguma comorbidade, a qual acaba dificultando as atividades rotineiras. Para comprovar colocamos algumas falas dos idosos que explicam como eles lidam com a velhice.
Parte 3 - Razões que levam ao abandono - 05:48 até 07:22	Aqui resolvemos explicar por parte da cuidadora e da psicóloga quais os motivos que levam a família e os filhos a abandonar um idoso. Colocamos também falas dos idosos que explicam os motivos de eles estarem morando ali e sobre como é a proximidade entre eles e a família.

<p>Parte 4 - Idosos e as patologias - 07:23 até 08:59</p>	<p>Nessa parte nos deparamos com um dos maiores problemas para um idoso, que são as patologias. Sendo esse um dos motivos pelos quais as famílias mais abandonam os idosos. A cuidadora de idosos explica que quando chega uma certa idade e vêm as doenças os idosos deixam de ser independentes e passam a precisar de apoio. Uma das idosas chega a comentar que alguns de seus problemas de saúde, como dores, são ocasionados por problemas enfrentados durante a vida, seja quando criança ou após adulta com o abandono. A psicóloga deixa claro que “Já é complicado lidar com um idoso normal, imagina com um idoso com transtorno mental”. Portanto, não é uma realidade fácil, e quisemos trazer isso em nosso documentário.</p>
<p>Parte 5 - Saudade da família - 09:00 até 11:47</p>	<p>Nessa parte escolhemos mostrar que, apesar de bem tratados, os idosos que moram no abrigo sentem muita saudade da família. A cuidadora explica que pela idade dos idosos eles já sofreram muitas perdas na família, assim como dos próprios pais. Então, perceberem que estão em uma situação de abandono por parte dos filhos deixam a situação ainda pior. Ela explica ainda que uma simples ligação dos filhos já ajuda. Os idosos também relatam acerca das pessoas da família das quais sentem falta. Inclusive uma idosa chega a relatar que, em momentos difíceis, precisou fazer dos amigos uma rede de apoio.</p>
<p>Parte 6 - Idosos e as atividades físicas - 11:48 até 13:43</p>	<p>Aqui explicamos sobre uma das maiores dificuldades da velhice, que é quando o idoso já não tem a mesma autonomia de antes, e exemplificamos como as atividades físicas podem contribuir para o desenvolvimento de idosos, principalmente idosos com transtornos mentais. A psicóloga explica ainda que muitas das próprias medicações podem, com o tempo afetar, a coordenação motora. Ela relata sobre</p>

	<p>a alegria que era levar os idosos para a horta para tirar capim e ver o quanto melhorava a coordenação motora. Outros idosos relatam ainda, nessa parte, sobre as atividades que executam dentro e fora do abrigo.</p>
<p>Parte 7 - Sonhos - 13:44 - 14:43</p>	<p>Nessa parte fizemos questão de mostrar que, mesmo apesar da idade e dos problemas vividos no decorrer da vida, esses idosos não deixam de lado os seus sonhos.</p>
<p>Parte 8 - A vida - 14:44 até 17:26</p>	<p>Nessa parte a cuidadora comenta que quando o idoso está na sua casa ele tende a estar mais feliz e seguro. Aqui achamos interessante mostrar as diferentes formas como os idosos veem a vida.</p>
<p>Parte 9 - Políticas públicas - 17:27 até 20:12</p>	<p>Nessa parte, considerada uma das principais, resolvemos falar sobre políticas públicas. Aqui mostramos como é de fato a realidade para uma diretora de um abrigo de idosos filantrópico. Apresentamos as dificuldades enfrentadas e como elas poderiam ser evitadas.</p>
<p>Parte 10 - Encerramento - 20:13 até 21:40</p>	<p>Nessa parte encerramos com as falas da diretora do abrigo falando que, com muito pesar, o abrigo Silvestre Linares, um abrigo com mais de 30 anos e com muitos idosos moradores, vai ter que fechar por falta de verbas e ajuda do poder público. Afinal, doações de roupas e alimentos ajudam, mas não pagam funcionários. Encerra com a vinheta e os créditos.</p>

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Para relatar o abandono afetivo de idosos existente, escolheu-se fazer um documentário com cerca de 20 minutos. Assim é possível mostrar, de forma detalhada, como vivem os idosos que passam pelo abandono vivendo em abrigos e longe da família.

Em seguida iniciamos a produção do roteiro com as ideias de ângulos para gravação, possíveis fontes para entrevistar e perguntas para a entrevista. Após o roteiro pronto, iniciou-se a parte prática de ir aos locais de gravação selecionar os personagens e fazer as filmagens do documentário. O levantamento preliminar foi feito com oito idosos do abrigo Vila Vida e, ao final, foram feitas gravações com cinco idosos que apresentaram as melhores histórias e conexão nas falas. No abrigo Silvestre Linares foi entrevistada apenas uma pessoa, a diretora, já que os internos, com problemas psiquiátricos, não apresentavam condições de contribuir com as gravações.

Para entender melhor a dinâmica do abandono afetivo optou-se por entrevistar também uma cuidadora de idosos. Foi usado um microfone de lapela *wireless* de conexão *lightning* de Iphone e uma câmera de celular do Iphone 11 da Apple para a gravação dos depoimentos dos personagens. Foi escolhido o plano americano, que mostra o personagem da cintura para cima e é considerado um enquadramento clássico. Determinou-se que os personagens ficariam sentados para ter, assim, maior conforto durante as entrevistas. Foram feitas imagens externas do abrigo para serem usadas como cenas de cobertura na transição dos assuntos abordados.

Ao finalizar as gravações iniciou-se a etapa da decupagem e escolha das músicas para compor o documentário. A fase da edição foi feita pelos integrantes do grupo em cinco dias usando o programa Sony Vegas Pro 12. Como recursos de edição foram usados os efeitos de *fade out* e ainda efeitos da ferramenta Canva na abertura e encerramento do vídeo. Depois de feita a primeira versão e apresentada para a orientadora, foram feitos dois ajustes na edição do filme documentário.

6 DIÁRIO DE BORDO

Nessa parte do trabalho, como já tínhamos algumas orientações que foram passadas no semestre anterior, aproveitamos o período de férias para adiantar algumas coisas. Nas férias assistimos e analisamos alguns filmes documentários sobre idosos e isso ajudou bastante a colocar em pauta o formato como gostaríamos que ficasse o nosso documentário. Aproveitamos também esse período para elaborar as perguntas que seriam feitas aos entrevistados.

No dia 22 de agosto tivemos a primeira orientação para o TCC 2, nela a orientadora nos ajudou a selecionar a quantidade de fontes a ser entrevistadas e a organizar as possíveis perguntas a serem feitas.

Nesse período nos deparamos com algumas dificuldades, a Gabriella estava lidando com o avô no hospital em estado grave. E, no mesmo período, estávamos tentando conseguir a autorização para entrevistar os idosos do abrigo Vila Vida. Ficamos quase três semanas mantendo diálogo com o assessor da Organização das Voluntárias de Goiás (OVG), órgão ao qual o abrigo é vinculado, em busca dessa autorização.

No dia 18 de setembro tivemos a notícia de que foi aprovada a autorização. Logo marcamos as gravações para o dia 22 de setembro. Ainda no dia da gravação nos deparamos com algumas dificuldades. A primeira foi que a própria OVG fez uma pré-seleção de quem seria as pessoas entrevistadas, no entanto, percebemos que algumas falas eram tendenciosas, no intuito de glorificar o lar de idosos. Outra dificuldade foi que tínhamos planejado conseguir entrevistar uma psicóloga do local ou uma assistente social, mas, infelizmente, não conseguimos essa autorização.

Como não havíamos conseguido as fontes oficiais da instituição Vila Vida, optamos por voltar ao abrigo Silvestre Linares para entrevistar a diretora do abrigo e também psicóloga. Esta entrevista rendeu ótimas falas.

No dia 4 de outubro iniciamos a decupagem, essa foi uma das partes de bastante cuidado, para selecionar falas realmente importantes. Tínhamos o desafio de conseguir decupar as filmagens, que totalizaram cinco horas de gravação, para somente 20 minutos. No dia 14 de outubro, com a decupagem toda feita, iniciamos a parte da edição. Optamos por fazer nós mesmos toda a edição. Nosso maior obstáculo nesse período foi o tempo. Tínhamos disponíveis somente às quartas à noite e os sábados para nos dedicar ao trabalho.

No dia 2 de novembro foi enviado, para a orientadora, o documentário pronto com todas as edições. Foi sugerido por ela alguns ajustes para a melhoria do trabalho escrito. Esse foi um momento de muita tensão, afinal não tínhamos nos planejado para fazer tantas alterações e isso

demandou tempo. Com o trabalho teórico ainda aguardando os ajustes, tivemos que tomar a decisão de dividir as tarefas, sendo que o Luis ficou por conta dos ajustes no documentário e Gabriella focou no trabalho teórico. Ainda no mês de novembro foram feitos dois ajustes na edição do vídeo, seguindo determinação da orientadora.

7 MEMORIAL

7.1 GABRIELLA LORRANE DA SILVA SÁ

Desde que cursei a matéria de documentário me identifiquei muito com essa proposta de produto e defini que era isso que eu queria apresentar no meu TCC. Até então sempre fui muito organizada e responsável com os trabalhos acadêmicos, e confesso ser até mesmo muito seletiva na hora de escolher um parceiro para os trabalhos em grupo. Após algumas decepções fazendo trabalhos em grupo, tinha certeza de que o meu TCC eu iria fazer sozinha. Após conversar com alguns colegas que já estavam realizando o TCC deles, ouvi que o documentário é um produto bem trabalhoso e que seria interessante fazer em dupla para facilitar.

Portanto, no final de 2022 decidi que eu precisava encontrar uma dupla para o TCC. Sim, eu passei a analisar cada colega de turma, afinal eu buscava alguém que tivesse tanta responsabilidade com os trabalhos quanto eu. E assim decidi convidar o Luis Fernando para fazer o TCC comigo, comentei sobre a minha vontade de fazer um TCC com uma pegada mais social e, por coincidência, também era o que ele buscava. A partir desse dia começamos a pensar em possíveis temas. E essa parceria rendeu bastante, inclusive uma ótima amizade.

Chegamos ao primeiro dia de orientação já com o tema a ser trabalhado e, após essa primeira orientação, dividimos quais partes cada um ia pesquisar. Para o referencial teórico decidimos que eu ficaria com a parte de idosos com patologia, os reflexos do abandono e também a sobrecarga do cuidador. As demais partes, como introdução, sumário, capa, tudo fizemos em conjunto.

Ainda no primeiro semestre do ano fizemos a visita ao abrigo Silvestre Linares, uma instituição filantrópica. Tivemos um contato muito bom com a diretora e fundadora do Abrigo, assim como com os idosos. Foi muito comovente ver a carência daqueles idosos e a falta que faz ter alguém para conversar. Outro ponto que analisamos foi a vergonha que eles têm de encarar a realidade, principalmente quando perguntamos sobre a família. Apesar de serem idosos cientes de que a família os colocou em um abrigo, muitos tendem a mudar de assunto quando falamos sobre e outros preferem acreditar que os filhos estão muito ocupados. Uma realidade realmente triste.

Já no segundo semestre fizemos a visita ao abrigo Vila Vida, um local bem diferente do primeiro abrigo que visitamos, tanto em questão de estrutura como na autonomia dos próprios idosos. E esse foi o abrigo que escolhemos para fazer as gravações com os idosos. Como precisávamos de uma entrevista com um especialista, o que não foi possível no abrigo Vila

Vida, resolvemos conversar com a diretora do abrigo Silvestre Linares, que de imediato já aceitou conceder a entrevista.

Após concluída a parte das gravações, iniciamos a parte de decupagem e edição, a qual optamos por nós mesmos realizar. O Luis já tinha mais facilidade com edição e eu com a decupagem. Então nos reunimos por vários dias para fazer essa etapa juntos. Fizemos muitos ajustes até chegar em uma estrutura perfeita. Tivemos o apoio da nossa orientadora nesse período, que sugeriu algumas alterações que foram essenciais para a melhoria do documentário.

Entregamos o documentário para avaliação da orientadora no início de novembro, mas, como precisou fazer algumas alterações e não tínhamos mais tanto tempo, decidimos que eu iria ficar responsável por finalizar o trabalho escrito, enquanto o Luis faria as alterações no documentário. E, por fim, após um ano muito cansativo de TCC, finalizamos o trabalho com uma sensação imensa de alívio e gratidão por tanto aprendizado.

7.2 LUIS FERNANDO SILVA NASCIMENTO

Em dezembro de 2022 a Gabriella Lorrane chegou até mim e apresentou uma proposta para fazermos o trabalho de conclusão de curso. No começo tínhamos um outro tema em vista, mas logo percebemos algumas deficiências que iriam comprometer o nosso trabalho. Eu sempre gostei de temas que envolvem pessoas da terceira idade e já até escrevi matérias sobre, então, em comum acordo, decidimos falar sobre o abandono de idosos e que nosso produto seria um documentário.

Sempre nos demos bem, escolhemos a orientadora que nós dois queríamos. Durante a fase de TCC 1, que começou em fevereiro de 2023, deixamos cada um ficar responsável por um tópico de pesquisa, tendo cada um de nós a obrigação de realizar as pesquisas e desenvolver o assunto com o maior enriquecimento de informações possíveis. Introdução, metodologia, capa, contracapa, todas essas partes fizemos juntos. Fizemos juntos também o capítulo ‘Dados sobre envelhecimento’, eu fiquei para fazer ‘Idosos como provedor’, ‘Políticas públicas’ e ‘Documentário’. Esta parte teórica organizamos toda semana, a cada orientação, para aprimoramento do texto.

Em abril de 2023 decidimos fazer a primeira visita ao primeiro lar de idosos, o Silvestre Linares, um lar que está em funcionamento há quase 30 anos. Lá nos deparamos com muitas questões e pudemos ver na prática a realidade e vários problemas. Conhecemos a Suely Linhares, que é diretora e fundadora do abrigo, uma pessoa que tem muita disposição, mas que está enfrentando muitas dificuldades para manter o lar de idosos.

Entre junho e julho de 2023 fechamos os nossos personagens para o documentário. Eu e a Gabriella estivemos, a todo momento, juntos, sempre tomamos decisões em comum acordo e as quais seriam mais bem elaboradas para o nosso trabalho.

Depois da primeira visita, fomos a mais dois lares de idosos sendo o terceiro o abrigo Vila Vida, que foi o local onde fizemos as gravações com os idosos. Em setembro fizemos a gravação do nosso documentário com cinco idosos do abrigo Vila Vida, uma psicóloga, que é também diretora e fundadora do abrigo Silvestre Linhares, e uma cuidadora de idosos. Foi uma experiência incrível, gravamos com os idosos em um dia e reunimos mais de cinco horas de trabalho registrado. Em outro dia gravamos com a Suely Linhares e no terceiro dia conseguimos gravar com a cuidadora de idosos.

O motivo de não fazermos todas estas entrevistas só no abrigo Vila Vida foi ter conseguido a autorização para entrevistar somente os idosos. Ao solicitar a entrevista com uma fonte oficial fomos informados que só poderíamos falar com a diretoria da OVG. Neste momento eu e a Gabriella vimos que iria sair muito fora da nossa proposta, por isso colocamos duas pessoas importantíssimas para o nosso documentário, que é a Suely Linhares e a Léia Leite Ribeiro, que não estão ligadas diretamente ao abrigo Vila Vida. Ao fim de cada entrevista gravada, eu e a Gabriella Lorrane já subíamos os vídeos para o Google Drive para que não houvesse nenhum perigo de perder o arquivo em caso de acontecimentos não planejados.

Após gravar todas as entrevistas começamos imediatamente a decupagem do material. Em dois dias decupamos todos os trechos e ficamos o mês de outubro todo editando o documentário. Como eu já tinha noções de edição, fiquei responsável por essa parte, enquanto ela ia me conduzindo para a forma como queria o documentário. Foi um exercício de muita paciência e de erros e acertos; e dias fazendo esses processos juntos. A cada edição que fazíamos eu já colocava o arquivo salvo no Google Drive para evitar qualquer perda de material por alguma ocasião externa.

No final do trabalho conseguimos selecionar as falas ideais que precisávamos de cada personagem, respeitamos o limite do tempo de 25 minutos, e pudemos comprovar que com uma ótima parceria e comprometimento é sim possível fazer um excelente trabalho.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do documentário ‘Quem vai cuidar de mim’ nos deu a possibilidade de colocar em prática o que aprendemos durante a faculdade de Jornalismo, principalmente nas disciplinas de Documentário e Pesquisa.

Desde a parte teórica, a pesquisa, pensar em ideias e juntar os dados, até a parte prática de sair a campo, fazer as reportagens, fazer um roteiro, gravar, captar o áudio, editar e finalizar, todas foram executadas por nós mesmos durante a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso, o que acreditamos que nos deixa mais prontos para o mercado de trabalho.

A gente percebe que cada vez mais o mercado de trabalho quer profissionais que saibam lidar com diferentes jeitos de se comunicar. Este projeto não só melhorou nossas habilidades técnicas, mas também fez a gente ficar mais forte para enfrentar problemas complicados e que mudam rápido. A gente se sente confiante de que o que aprendemos nesse processo vai nos ajudar a trabalhar bem no mundo profissional.

A produção do documentário ‘Quem vai cuidar de mim?’ cumpriu com o propósito inicial e com ele conseguimos mostrar os desafios enfrentados tanto pelos idosos que passam pelo abandono afetivo como a luta que os abrigos enfrentam pela falta de políticas públicas eficientes.

Toda a trajetória de produção desse documentário contribuiu de forma grandiosa para nossa formação. Conhecemos pessoas sensacionais e pretendemos continuar abraçando essa causa, pois os idosos não conseguem ter autonomia para lutar por seus direitos, mas nós, principalmente como estudantes e futuros jornalistas, queremos ter voz ativa nessa causa, que é a luta pelo direito dos idosos.

REFERÊNCIAS

- AMADO, M. C.; MENEZES, R. Abandono afetivo inverso do genitor com Alzheimer e a sobrecarga do cuidador. **Revista de Direito Privado**, São Paulo, v. 17, n. 69, p. 219-234, set. 2016. Disponível em: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/RDPriv_n.69.09.PDF. Acesso em: 20 nov. 2023.
- ASSIS, D. 'Queria continuar pegando a garota no final do filme', diz Woody Allen. **G1**, Rio de Janeiro, 15 maio 2010. Pop & Arte. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/05/queria-continuar-pegando-garota-no-final-do-filme-diz-woody-allen.html>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- BERNARDET, J. C.; RAMOS, A. F. **Cinema e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Casa Civil, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 nov. 2023.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 1980-2050: revisão 2008**. Brasília: IBGE, 2008. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv41229.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o conselho nacional do idoso e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 1994. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm. Acesso em: 21 nov. 2023.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política nacional do idoso**. 1. reimp. Brasília: MDS, 2010. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/politica_idoso.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.
- CAMARANO, A. A. *et al.* (org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010. *E-book*. p. 156. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3206>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- CAMARANO, A. A. Vidas idosas importam, mesmo na pandemia. *In*: BRASIL. **Políticas sociais: acompanhamento e análise**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2021. n. 28. p. 509-535. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10821/1/BPS_28_nps1_vidas_idosas.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.
- CATANI, A. M. A aventura industrial e o cinema paulista. *In*: RAMOS, F. **História do cinema brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Art Editora, 1990.

COSTA, W. C. N. Abandono afetivo parental: a traição do dever de apoio moral. **Consulex: Revista Jurídica**, Brasília, v. 12, n. 276, p. 48-50, jul. 2008.

DEBERT, G. G. **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.

DENÚNCIAS de abandono de idosos crescem 855% em 2023, aposta Ministério dos Direitos Humanos. **G1**, Rio de Janeiro, 19 jun. 2023. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/politica/noticia/2023/06/19/denuncias-de-abandono-de-idosos-crescem-855percent-em-2023-aponta-ministerio-dos-direitos-humanos.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2023.

EM 2010, esperança de vida ao nascer era de 73,48 anos. **Agência IBGE Notícias**, Rio de Janeiro, 1º dez. 2010. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14135-asi-em-2010-esperanca-de-vida-ao-nascer-era-de-7348-anos>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GOLDMAN, S. N. As dimensões sócio políticas do envelhecimento. In: PY, L. *et al.* (org.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p. 61-76.

LOUREIRO, L. de S. N. *et al.* Sobrecarga em cuidadores familiares de idosos: associação com características do idoso e demanda de cuidado. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 67, n. 2, p. 227-232, 2014. DOI 10.5935/0034-7167.20140030. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/s7sGVZjsHt8BTKT9zTp54Qw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2023.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

NICHOLS, B. A voz do documentário. Trad. Eliana Rocha Vieira. In: **Film Quartely**. Vol. 36, nº 3, p. 1983.

OLIVEIRA, T. **Ministro quer atendimento voltado a saúde mental de adolescentes**. Carai: Agência de Saúde/Prefeitura Municipal de Carai, [2020]. Disponível em: <https://carai.mg.gov.br/noticias/ministro-quer-atendimento-voltado-a-saude-mental-de-adolescentes>. Acesso em: 21 nov. 2023.

PACHECO, J. L. Trabalho e aposentadoria. In: PY, L. *et al.* (org.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p. 201-224.

PARADELLA, R. Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. **Agência IBGE Notícias**, Rio de Janeiro, 1º out. 2018. Estatísticas Sociais. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 21 nov. 2023.

RODRIGUES, F. L. Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 24, p. 61-74, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/27505549/Uma_breve_hist%C3%B3ria_sobre_o_cinema_document%C3%A1rio_brasileiro. Acesso em: 20 nov. 2023.

SAYEG, N. **Alzheimer diagnóstico e tratamento**. São Paulo: Yendris Editora, 2009.

TEIXEIRA, F. E. Eu é outro: documentário e narrativa indireta livre. *In*: TEIXEIRA, F. E. (org.). **Documentário no Brasil: tradição e transformação**. São Paulo: Summus, 2004. p. 29-68.

VALENÇA, T. D. C. *et al.* Impactos da doença de Parkinson na vida dos idosos. **Desafios: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, Palmas, v. 6, n. 4, p. 12-22, 2019. DOI 10.20873/uftv6-6765. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/6765>. Acesso em: 20 nov. 2023.

APÊNDICE A - ROTEIRO FINAL

MINUTAGEM	VÍDEO	ÁUDIO
Cena 1 00:00 – 00:17	Abertura do documentário	BG – Música Beautiful-Calming-Solo-Piano
Cena 2 00:18 – 0:23	Imagem do abrigo Vila Vida	BG – Música Beautiful-Calming-Solo-Piano
Cena 3 00:24 – 0:30	Pequeno trecho da entrevista – Glória Maria Carneiro	BG – Música Beautiful-Calming-Solo-Piano. Fala: Não gosto mesmo de incomodar as pessoas
Cena 4 00:31 – 0:36	Pequeno trecho da entrevista – Maria das Graças Duarte	BG – Música Beautiful-Calming-Solo-Piano Fala: Depois eu fiquei me sentindo uma intrusa.
Cena 5 00:36 – 00:41	Pequeno trecho da entrevista – Carlos Roberto de Almeida	BG – Música Beautiful-Calming-Solo-Piano. Fala: Eu refugiei na distância
Cena 6 00:42 - 00:50	Pequeno trecho da entrevista – Suely Linhares	BG – Música Beautiful-Calming-Solo-Piano. Fala: Ninguém pensa na finitude, todos nós vamos passar por aquele momento de ser inútil né?
Cena 7 00:51 – 01:14	Imagem com um idoso andando pelo abrigo Vila Vida GC: Quem vai cuidar de mim?	BG – Música Beautiful-Calming-Solo-Piano.
Cena 8 01:15 – 01:28	Entrevista – Glória Maria Carneiro GC: Glória Maria Carneiro/Moradora do abrigo Vila Vida	Hoje eu tenho só uma filha eu tive um casal, mas meu filho faleceu. Eu precisava de uma casa, minha filha ia mudar, como realmente mudou, e eu não tinha para onde ir.
Cena 9 01:29 – 01:52	Entrevista – Louines Obregon GC: Louines Obregon/Moradora do abrigo Vila Vida	Estou aqui na vila há 16 anos. Eu tinha vindo do Mato Grosso do Sul para cá, para fazer o tratamento dos meus pais, a razão

		de chegar a Goiânia foi isso. Aí quando perdi meus pais eu estava muito fragilizada no sentido de saúde.
Cena 10 01:53 – 02:29	Entrevista – Maria das Graças Duarte GC: Maria das Graças Duarte/moradora do abrigo Vila vida Entrevista – Maria das Graças Duarte	Tem uns irmãos também que a gente foi criado tudo separado e o meu pai deu nós tudo para os outros. Minha filha ela nunca gostou de mim como uma mãe, primeiro quando ela era mais nova ela tinha muito vergonha de mim, uma hora por que eu era feia outra hora por que era pobre, sempre arranjava um jeito para não ter aquele contato comigo.
Cena 11 02:30 – 02:52	Entrevista – Marcos Oliveira GC: Marcos Oliveira Kreimer/morador do abrigo Vila Vida	Familiares do Rio Grande do Norte e de Brasília, Rio Grande do Norte por parte da minha mãe e de Brasília eu não tenho contato com eles, por que o tempo vai mudando as pessoas, cada um vai constituindo sua família vai constituindo outros viéis, né? E foi assim, separando daquelas pessoas que você nasce cresce por ali e tem contato com aquelas pessoas.
Cena 12 02:53 – 03:05	Entrevista – Carlos Roberto de Almeida GC: Carlos Roberto de Almeida/morador do abrigo Vila Vida	Tem, tem os meus irmãos eu sou o mais novo da família, tem meus irmãos, tem um que tem 96 anos aí não dá para ele cuidar de mim né?
Cena 13 03:06 – 03:10	Imagem do abrigo Vila Vida interna	BG Música: Wander – Solo – Piano
Cena 14 03:11 – 03:16	Entrevista – Suely Linhares GC: Suely Linhares/Psicóloga e Dir. do abrigo Silvestre Linhares	Ninguém pensa na finitude, todos nós vamos passar por aquele momento de ser inútil né?
Cena 15 03:17 – 03:48	Entrevista – Maria das Graças Duarte	A velhice na minha vida sempre meu deu preocupação, porque a gente ia nos asilos passear e via aquele povo triste e isso me adoecia, por que a gente vê

		muitas histórias de idosos que são judiados pela família e até mesmo dentro dos asilos.
Cena 16 03:49 – 04:24 Cena 19	Entrevista – Léia Leite Ribeiro GC: Léia Leite Ribeiro/cuidadora de idosos	Um dia desse eu ouvi uma senhora falar, com mais de 90 anos, minha senhora, quando eu não estou sentindo dor, eu nem lembro que tenho essa idade, então a saúde das pessoas, físico mental, isso influencia muito, né? Poder ter ou não autonomia se ela vai estar mais alegre ou não, mais satisfeita ou não.
Cena 17 04:25 – 05:28	Entrevista – Louines Obregon	Você sabe que eu sou uma pessoa que não penso demais, por exemplo, eu fiz 80 anos agora, mas pra mim isso não significa muita coisa. Eu acho que 80 anos simplesmente é uma bagagem que a gente está carregando de experiência, coisas que eu não sabia hoje eu sei, hoje eu posso ajudar um amigo uma amiga, uma colega que não tem experiência, se eu não tivesse vivido todo esse tempo nunca iria ter conseguido né. Meu pai era uma pessoa que era muito positiva, ele comentava comigo assim brincando, minha filha quando você chegar aos 70 anos você para de contar a idade, por que ele fez isso na vida dele e durou mais do que imaginava, então quando 70 parei, até esqueci de tinha 75, 76, até o dia que fiz 80 para mim até foi surpresa, não acreditei que eu estava fazendo 80.
Cena 18 05:29 – 05:39	Entrevista – Carlos Roberto de Almeida	Eu não senti a diferença, quando eu cheguei esse ano que eu completei 80 anos é que eu parei, e cheguei aos 80.
Cena 19 05:40 – 05:45	Imagem idosos sentados em cadeiras no abrigo Vila Vida.	BG Música: Wander – Solo – Piano
Cena 20 05:46 – 05:56	Entrevista – Suely Linhares	Aquele marido que largou da casa ou aquela esposa que largou da

		<p>casa e foi embora, ele é abandonado mais, porque todo mundo se acha no direito de julgar o comportamento do outro.</p> <p>BG Música Wander – Solo – Piano</p>
<p>Cena 21 05:57 – 06:17</p>	<p>Entrevista – Maria das Graças Duarte</p>	<p>Não é fácil você ter um marido que é possessivo, ciumento ah um besteirada lá. Então depois eu adoeci não deu certo para a gente ficar junto, então eu me tornei uma pessoa sozinha.</p>
<p>Cena 22 06:18 – 06:43</p>	<p>Entrevista – Léia Leite Ribeiro</p>	<p>Com o passar dos anos os filhos crescem casam constituem família e com as atribuições do dia a dia, o tempo acaba ficando bem escasso, então é nesse momento que os familiares acabam correndo a um cuidador a um abrigo, a alguém para dar um apoio a esse idoso.</p>
<p>Cena 23 06:44 – 06:54</p>	<p>Entrevista – Louines Obregon</p>	<p>Esses familiares têm que trabalhar, tem que deixar o idoso, o meu menino é meio difícil meio custoso, então eu resolvi deixar eles com a vidinha deles lá.</p>
<p>Cena 24 06:55 – 07:15</p>	<p>Entrevista – Glória Maria Carneiro</p>	<p>Ela tem 3 crianças então é muito difícil ela estar vindo para Goiás. Eles não vêm mais então eu vou ter que ir, eu falei para ela que é a última vez que eu vou, por que a viagem é muito longa são 3 dias de viagem.</p>
<p>Cena 25 07:16 – 07:40</p>	<p>Entrevista – Léia Leite Ribeiro</p>	<p>E quando a saúde está fragilizada também, o idoso que tem uma disposição uma saúde, ela consegue ficar sozinha por muito mais tempo, agora se ele tem alguma demanda específica que não dá pra ficar sozinho aí ele acaba precisando de um acompanhamento.</p>
<p>Cena 26 07:41 – 08:14</p>	<p>Entrevista – Maria das Graças Duarte</p>	<p>Quando eu tenho uma fraqueza no corpo e perguntei a doutora, que</p>

		<p>eu tenho tomado as vitaminas no corpo mais continuo sentindo fraqueza, pode ser devido a minha infância, que foi difícil, trabalhei muito, fui criado como escrava. Ele perguntou pra mim você passou por isso tudo? Eu passei não passo mais. E ela falou que pode ser da velhice ou das duas coisas.</p>
<p>Cena 27 08:15 – 08:33</p>	<p>Entrevista – Carlos Roberto de Almeida</p>	<p>Quando eu estava sem poder andar, com as pernas travadas, até fui ficar em uma casa de uma sobrinha minha, fui fazer uma aula, movimentava e superei.</p>
<p>Cena 28 08:34 – 08:51</p>	<p>Entrevista – Suely Linhares Fotos do abrigo Vila Vida</p>	<p>Na época que eu fundei o abrigo eu escolhi trabalhar com esse transtorno mental até pela minha filha por que eu já conhecia a problemática, a rejeição que é a falta de compreensão para lidar com idoso normal, imagina um idoso com transtorno. BG Música: Beautiful-Calming-Solo-Piano</p>
<p>Cena 29 08:52 – 08:59</p>	<p>Imagem abrigo Vila Vida</p>	<p>BG Música: Beautiful-Calming-Solo-Piano</p>
<p>Cena 30 09:00 – 09:44</p>	<p>Entrevista – Léia Leite Ribeiro</p>	<p>Um idoso que já perdeu bastante amigo, então isso acontece com muita frequência, é saudade daqueles que já partiram, a gente ouve ou percebe essa ausência que eles sentem e também de ficar naquela expectativa do parente vir visitar ou de telefonar, muitas vezes um simples telefonema já resolve, já sabe das notícias ou mesmo dos amigos também.</p>
<p>Cena 31 09:45 – 10:25</p>	<p>Entrevista – Louines Obregon</p>	<p>Eu sinto muita falta exatamente do meu pai por que é a pessoa que mais influenciou nas minhas decisões, inclusive a decisão se um dia, por que eu fiquei viúva muito cedo com 36 anos e me dediquei muito a cuidar da saúde dele. Ele dizia</p>

		<p>pra mim assim antes dele falecer, eu ainda estou aqui por que preciso cuidar de você, ele não punha na cabeça dele que era eu que cuidava dele, ele era uma pessoa muito interessante. BG Música: Price Of Freedom – Solo Piano</p>
<p>Cena 32 10:26 – 10:38</p>	<p>Entrevista – Marcos Oliveira</p>	<p>Eu tenho uma irmã a minha irmã os dois irmãos que eu tinha já faleceram, um até muito cedo um com 57 anos e o outro 64. E aí só tenho uma irmã no Rio de Janeiro.</p>
<p>Cena 33 10:39 – 10:43</p>	<p>Entrevista – Carlos Roberto de Almeida</p>	<p>Por circunstância desde que minha mãe faleceu eu sempre vivi sozinho.</p>
<p>Cena 34 10:44 – 11:03</p>	<p>Entrevista – Maria das Graças Duarte</p>	<p>Dentro das dificuldades que eu já passei. Uma delas que eu achava mais ruim era ficar longe dos meus irmãos. Eu não olhava para a minha situação que era pior do que a deles, eu queria que a gente unisse para mim ajudar eles.</p>
<p>Cena 35 11:04 – 11:40</p>	<p>Entrevista – Louines Obregon</p>	<p>Com o passar dos anos eu fui formando uma equipe na minha agenda de amigos, são amigos de verdade que se precisar de alguma coisa além do que está sendo provido aqui eu ligo minha amiga mim atende, por exemplo eu passei pelo processo da covid, durante o período da covid tive que ficar isolada, nesse isolamento que cuidou de mim na alimentação por exemplo foram meus amigos.</p>
<p>Cena 36 11:41 – 12:11</p>	<p>Entrevista – Léia Leite Ribeiro</p>	<p>Seria uma certeza que dá pra perceber que eles começam a avaliar quando tinha mais autonomia, quando conseguiam sair, conseguiam comprar as suas coisas, então essas são as maiores queixas, são as maiores reclamações.</p>

<p>Cena 37 12:12 – 13:05</p>	<p>Entrevista – Suely Linhares</p>	<p>Eu trabalhei dentro do Adalto também, que maravilha quando eu descobri porque você vai tomando medicação você vai ficando embotado, vai perdendo a coordenação motora fina que eu fazia, eu era louca varrida. Eu pegava 40 pacientes e ia pra horta com eles, eu fazia isso voluntariamente não era nem como funcionária, eles agachavam lá no chão comigo. Eu odiava as tiriricas quando eu vi que aquilo melhorava a coordenação motora fina deles, eu ficava encantada eu falava nasce capim nasce mato, ia melhorando a coordenação motora fina.</p>
<p>Cena 38 13:06 – 13:18</p>	<p>Entrevista – Carlos Roberto de Almeida Fotos: 2 imagens do Carlos com as bolsas que ele fez.</p>	<p>Tenho, eu faço bolsa artesanato, faço bolsa, tapete e danço também.</p>
<p>Cena 39 13:19 – 14:13</p>	<p>Entrevista – Glória Maria Carneiro Imagem: Cenas de músicas no abrigo Vila Vida.</p>	<p>No artesanato eu fiz bordado, pintura, na época da pandemia. Depois da pandemia não fez, eu continuo bordando e hoje eu estudo música e hoje faço curso de teclado no Centro Livre de Artes da prefeitura e o meu maior sonho e eu tocar e cantar Ave Maria em latim, é esse o meu sonho, no dia que eu realizar esse sonho. Eu gosto, sou apaixonada em piano, mas como eu não posso comprar um piano e eu não tive oportunidade de estudar quando mais jovem, meu pai não quis pagar colégio para eu aprender música. Não quis pagar.</p>
<p>Cena 40 14:14 – 14:30</p>	<p>Entrevista – Marcos Oliveira</p>	<p>Eu gosto muito da ecologia, ainda penso em fazer um curso superior de engenharia florestal, eu gosto muito da natureza, por isso gosto muito daqui, vejo árvores, vejo pássaro, vejo arara, isso me agrada.</p>
<p>Cena 41</p>	<p>Entrevista – Léia Leite Ribeiro</p>	<p>Eu tenho percebido quando o</p>

14:31 – 14:56		idoso está na sua própria casa sendo assistido e cuidando das coisas que eles consideram familiar, ou no ambiente que eles mesmo criaram com os móveis deles, com os pertences deles, mesmo que ele precise de muito ajuda, ele se sente mais seguro.
Cena 42 14:57 – 15:21	Entrevista – Glória Maria Carneiro	Eu encaro a minha realidade sempre eu falo para os outros, por que a gente vive de exemplos eu sei que eu estou na reta final eu poso sair daqui morta ou para outro asilo que é dos acamados né?
Cena 43 15:22 – 16:30	Entrevista – Suely Linhares	Vou contar essa história que é muito linda que eu fiquei encantada com ele. Ele teve oito filhos e cada filho que a pessoa que tem esquizofrenia tem ela não pode tomar medicação e vai focando mais ainda na esquizofrenia, no final ela ficou completamente doente mental e ficou pelo resto da vida. Esse seu Pedro vinha toda semana visitar Eulália, Eulália queria até bater nele, não conheço você, não sei quem é você. Eu falava seu Pedro que carinho o senhor tem com a Eulália. Ele falou para mim Eulália pode não me conhecer, mas eu sei quem é Eulália, eu sei a esposa que ela foi, a mãe que ela foi, eu ficava encantada com a visão que ele tinha de amor, por que isso é amor. BG Música: Price Of Freedom – Solo Piano
Cena 44 16:31 – 16:47	Entrevista – Glória Maria Carneiro	A vida na minha maneira de pensar é você ter a saúde, você tendo a saúde o restante você consegue, é você que tem que ir atrás.
Cena 45 16:48 – 17:06	Entrevista – Louines Obregon	Para mim ela é uma oportunidade de você nascer, crescer moldar o seu emocional, seus sentimentos e

		se tornar uma pessoa útil para vocês mesmo e para os seus amigos e para os seus parentes. BG Música: Price Of Freedom – Solo Piano
Cena 46 17:07 – 17:14	Imagem do abrigo Vila Vida	BG Música: Price Of Freedom – Solo Piano
Cena 47 17:15 – 17:33	Entrevista – Suely Linhares	A questão da política é isso tem que ver no município, no estado as condições de cada abrigo, todos merecem apoio, mas a gente precisa, sem ajuda governamental sem ajuda da comunidade a gente não sobrevive.
Cena 48 17:34 – 18:06	Entrevista – Louines Obregon	No Balneário Camboriú onde nós sempre frequentávamos quando papai estava vivo e lá tem um conjunto pro para pessoa idosa passar o dia, mas o familiar tem que pagar 10 mil por mês e só tem 52 lugares, então falta muito era uma coisa que tinha que ter mais.
Cena 49 18:07 – 18:39	Entrevista – Suely Linhares	Primeiro, muitos doadores eu falo para eles, me liga primeiro, ótimo benvinda a sua cesta básica, mas me telefona antes de repente eu estou precisando do leite de repente eu estou precisando do barbeador. Por exemplo, nesse momento eu estou sem feijão, sem óleo, fralda, a pessoa quando vai fazer uma doação até nesses detalhes você tem que se atentar.
Cena 50 18:40 – 18:55	Entrevista – Carlos Roberto de Almeida	O capitalismo eles investem muito no esporte, eles investem em tanta coisa e a idade o idoso passa né.
Cena 51 18:56 – 19:19	Entrevista – Suely Linhares	Eu estou com aí com 270 mil para receber, estou com 1 mês atrasados os funcionários e o funcionário se sente no direito de ditar as normas por que eles não estão recebendo e eu com 270 mil pra receber por emendas parlamentares e um dinheiro extra

		de um senador que foi direcionado para nós e a gente não sabe onde está.
Cena 52 19:20 – 19:27	Entrevista – Marcos Oliveira	Políticas públicas isso não existe, porque dinheiro entra muito nesse país, agora pro bolso de quem, ninguém sabe.
Cena 53 19:28 – 19:59	Entrevista – Suely Linhares Imagens do abrigo Silvestre Linhares	Por que eu pego, o idoso me custa de 4 a 5 mil reais porque tem a lavanderia, pensa bem no serviço que eu tenho. Lavanderia, cozinha, enfermagem, farmácia, limpeza né? Eu tenho vários segmentos de trabalho, eu precisava ter 4 cuidadores para cada x número, como de que jeito? Se eu não estou nem pagando o que eu dou conta de pagar. Então vê o meu desgosto é imenso, é imenso.
Cena 54 20:00 – 20:34	Entrevista – Suely Linhares Imagens do abrigo Silvestre Linhares.	A gente poderia receber verbas, chamam emendas parlamentares, Deputado Senador todos poderiam destinar uma verba para nós e não acontece isso. Nós tivemos muitas dificuldades, as doações diminuíram. Como eu estou com 72 anos e como estou aqui há 32 anos sinceramente eu nunca pensei eu pensei que eu ia morrer aqui, quer dizer essa é da vontade de Deus eu pus à venda. BG Música: Price Of Freedom – Solo Piano
Cena 55 20:35 – 20:47	Entrevista – Suely Linhares Fala de encerramento	Com todo o meu pesar com tudo, eu me sinto que fiz o que eu pude, há mais do que isso eu não consigo. Eu penso em vender aqui e acabar com o abrigo. BG Música: Price Of Freedom – Solo Piano
Cena 56 20:48 – 20:58	Imagem da placa do abrigo Silvestre Linhares Imagem de fechamento da fala	BG Música: Price Of Freedom – Solo Piano
Cena 57	Créditos finais – Nomes,	BG Música - Price Of Freedom –

20:59 – 21:35	agradecimentos, personagens, produção e edição.	Solo Piano
Cena 58 21:36 – 21:41	Foto da logo da PUC-GO	BG Música: Price Of Freedom – Solo Piano
Cena 59 21:41 – 21:41	Fim do documentário	BG Música: Price Of Freedom – Solo Piano

APÊNDICE B – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO PARA O REPOSITÓRIO



RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Gabriella Jerome da S. S.
do Curso de Gerenciamento, matrícula 2019203270015,
telefone: 62 99330-4006 e-mail GABSMACK02@GMAIL.COM, na
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos
Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a
disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado
"Quem vai cuidar de mim?"

gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme
permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato
especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND);
Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou
impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de
graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 11 de dezembro de 2023.

Assinatura do(s) autor(es): Gabriella Jerome da S. S.

Luis Fernando Silva Nascimento

Nome completo do autor: Gabriella Jerome da S. S.

Luis Fernando Silva Nascimento

Assinatura do professor-orientador:

Bernadete Coelho de Sousa

Nome completo do professor-orientador: Bernadete Coelho de Sousa



RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Luís Fernando Silva Nascimento
do Curso de Journalismo, matrícula 2020.1.0127.0015-0
telefone: _____ e-mail lfsn@bol.com.br na
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos
Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a
disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado
"Quem vai cuidar de mim?"

gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme
permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato
especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND);
Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou
impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de
graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 11 de dezembro de 2023.

Assinatura do(s) autor(es): Robella Soares do S. S.

Luís Fernando Silva Nascimento

Nome completo do autor: Robella Soares do S. S.

Luís Fernando Silva Nascimento

Assinatura do professor-orientador:

Bernadete Coelho de Sousa

Nome completo do professor-orientador: Bernadete Coelho de Sousa